3 1761 06864535 7

PQ
9697
S46A6
1920

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/almacaboclapoesi00set

A
76

ALMA CABOCLA

·POESIAS·DE·

PAULO SETUBAL

ALMA CABOCLA

POESIAS
DE
PAULO SETUBAL

2.ª EDIÇÃO
(6.º MILHEIRO)

SÃO PAULO = 1920
Edição da REVISTA DO BRASIL
Monteiro Lobato & Cia.

LIBRARY
MAR 14 1972
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9697
S46A6
1920

A ti, minha mãe, que és a melhor das mães, estes despretenciosos versos da nossa terra e da nossa gente.

Aos meus queridos irmãos:
João, Laerte, Adhemar.

MINHA TERRA

DE VOLTA...

Minha terra... Ai, com que abalo,
Com que sincera emoção,
Eu, dando redea ao cavallo,
Margeio este fundo vallo,
— Caminho do meu torrão!

Que sol! Que esplendido brilho!
Com a alma anciosa, a vibrar,
Eu corto as roças de milho,
Por este sinuoso trilho
Que á minha terra vae dar.

Ninhos... Flores... Que thesouro!
Que alegria vegetal!
A' luz do sol, quente e louro,
Com seus pennachos cor-de-ouro,
— Como esplende o milharal!

E abelhas, azas expertas,
Com seu vôo zumbidor,
Poisam trefegas, incertas,
Pelas corolas abertas
Das parasitas em flor...

Na mata, de quando em quando,
Sôa o trilar dos nambús;
E os pintasilgos em bando,
As frondes sonorizando,
Gorgeiam em plena luz!

E emquanto eu sigo, enlevado
Nesta poesia sem fim,
Bem sinto, de lado a lado,
Que um trecho de meu passado
Em tudo ri para mim!

Nem ha, talvez, quem comprehenda
A minha brusca emoção,
Ao ver a velha fazenda,
Que — toda a rir — se desvenda
No cimo azul do espigão...

E como aqui, nesta roça,
São todos amigos meus,
A' porta de cada choça,
Toda a gente se alvoroça
Para vir dizer-me adeus.

E' o Quincas! E' o Zé Collaço!
O Juca Elias, *nhô* João...
— Todos elles, quando eu passo,
Num longo, num rude abraço,
Me apertam no coração!

E eu nóto, ao ver *sêo* Claudino,
Que o olhar em pranto elle traz:
E' um velho, meigo e franzino,
Que outr'ora me viu menino,
E que hoje me vê rapaz...

Chego... Que festa infinita!
Como elles me querem bem!
Até a pobre de *nha* Rita,
Com seu vestido de chita,
Quer abraçar-me tambem!

E emquanto, sem mais demóra,
Vão me servindo o café,
Revejo a sala de outr'ora,
Com a mesma Nossa Senhora
Ao lado de São José...

E assim, em meio a isso tudo,
Eu — que ironia cruel! —
Tenho o desejo sanhudo
De espedaçar o canudo
Com a carta de bacharel,

E, na doçura que encerra
Esta simpleza daqui,
Viver de novo, na serra,
Entre as gentes desta terra,
A vida que eu já vivi...

A FAZENDA

SEIS horas... Salto do leito.
Que céo azul! Que bom ar!
Ah! Como eu sinto no peito,
Moço, vivo, satisfeito,
O coração a cantar!

No meu quarto, alegre e claro,
Ha rosas e gira-sóes;
E eu, com enlevo, reparo
No mimo do seu preparo,
Na alvura dos seus lençóes...

Que doce encanto, e que graça,
Nesta simpleza aldeã,
Têm, sobre os vãos da vidraça,
Leves cortinas de cassa,
Bailando ao sól da manhã!

E da florida janella
Que eu abro de par em par,
— Verde painel, larga tela,
Da còr mais viva e mais bella,
Desdobra-se a meu olhar!

Rindo, a manhã, fresca e branda,
Doira, de roseo matiz,
A ampla casa veneranda,
Com sua quieta varanda
Cheirosa de bogarys...

Um renque de altos coqueiros
Circumda o vasto pomar;
Como enormes taboleiros,
Ficam em frente os terreiros,
Com grãos em còco a seccar.

Num quadro, curvo e sosinho,
Um pobre negro, o *Bié*,
A' passo, devagarinho,
Com seu rumoroso ansinho,
Lá vae *rodando* o café...

Depois — a machina, a tulha,
O alpendre, o farto paiol:
Ah! Como a roça se orgulha
De ver subir a fagulha,
Que lança a machina ao sól!

Branca, entre tufos, a escóla
Logo na entrada se vê:
E' lá, nessa casinhóla,
Que a filha de *nha* Carola
Vae ensinar o *abc*.

Fulgem, na estrada tranquilla,
Casinhas brancas de cal:
E' a *colonia* que scintilla,
Graciosa como uma villa,
Risonha como um pombal.

E ao longe, o pasto, a cancella,
— Um boi deitado no chão:
Paisagem rude e singella,
Daria fina aquarella
De puro estylo aldeão.

E alem da varzea e da ponte,
Num colorido rural,
Cobrindo as rampas do monte,
Por todo o immenso horizonte
Alastra-se o cafezal!

E emquanto o olhar se extazia
Em scena tão linda e chã,
Eu sinto n'alma a poesia,
Toda a radiosa alegria
Desta orvalhada manhã.

E absorto no panorama
Que assim contemplo, de pé,
Eis que uma velha mucama,
Surgindo á porta, me chama:
"*Nhônhô, tá prompto o café...*"

A GENTE

Saio a passear... Claro e quente,
O sol na altura sorri:
E eu sigo, de alma contente,
Saudando esta bôa gente
Dos sitios onde nasci.

E vou, por entre este povo,
Com tanta ingenua emoção,
Que eu, sem querer, me commovo,
Revendo agora, de novo,
Nho Láo, *sêo* Juca, o Bastião...

Aquelle... Nossa-Senhora!...
— Aquelle é o *sêo* Nicanor:
O mesmo, tão curvo agora,
Que foi, nos tempos de outr'ora,
O meu melhor professor!

E' um velho... E, republicano
Desde o tempo que lá vae,
Vive a falar no Floriano,
Dizendo que é veterano
Da Guerra do Paraguay...

E este?... O Mendonça afamado,
O celebre caçador!
Traz a lapeana de lado,
E um perdigueiro malhado
Que salta no carreador.

Rude, feroz, barba intonsa,
Com grande desfaçatez,
A todos narra o Mendonça
Terriveis caçadas de onça,
— Caçadas que nunca fez...

Lá está na foice, roçando,
O velho Jeca Moraes:
Caboclo bom, genio brando,
Apenas, de quando em quando,
Bebe algum trago demais...

No dia em que se endominga,
Vae ao povoado passear;
E á volta, cheirando a pinga,
Discute, provoca, xinga,
Querendo á força brigar!

Junto o Nicola persiste
Em concertar um moirão;
Não sei si no mundo existe
Outro violeiro mais triste
Que esse infeliz mocetão.

Louca paixão, louca e immensa,
Sempre em angustias o traz:
E' que elle, o poeta, só pensa
Na filha do Quim Proença,
Que gosta de outro rapaz.

Quando o luar desenrola,
No espaço, o mystico alvôr,
Sonhando um sonho, o Nicola,
Põe-se a chorar na viola
As maguas do seu amor...

Guiando os bois do seu carro,
Que ringe num alto som,
Nho João, na estrada de barro,
Lá vae pitando um cigarro,
Cheiroso de fumo bom.

Com seu enorme trabuco,
Calça xadrez, pé no chão,
Na venda do Zé-Macuco,
Sentado á mesa do *truco*,
– Que noites passa *nho* João!

E ao longe, num largo trote,
Com elegancias de peão,
— Bombacha, espora, chicote —
Passa na estrada o Mingóte,
Montado num alazão.

Moço dos mais arrogantes,
De claro olhar, claro e azul,
Conta as paixões delirantes,
Que teve em terras distantes,
Ao vir com tropas do Sul...

E eu sigo... Festivamente,
O sol na altura sorri;
E assim, risonho e contente,
Revejo toda esta gente
Dos sitios onde nasci...

VIDA CAMPONEA

Como um caboclo bem rude,
Eu vivo aqui, nesta paz,
Recuperando a saude,
Que eu esbanjei, quanto pude,
Nas tonteiras de rapaz.

Mal surge o primeiro raio
Da aurora rubra e louçã,
Eu monto um fogoso baio,
E, todo lepido, saio
Pelo esplendor da manhã.

Lord, o meu bravo cachorro,
Vem pela estrada a saltar:
E a varzea, e os pastos, e o morro,
Tudo, a galope, eu percorro,
Numa alegria sem par.

Do mato, cerrado e umbroso,
Vêm cheiros de manacás;
E num páo-d'alho frondoso,
Vae um concerto furioso
De bem-te-vis e sabiás.

Vespas, cor de oiro brunido,
Lantejouladas de luz,
Fazem, com surdo zumbido,
Num tronco já carcomido,
O escasso mel dos enxús.

Fulguram, pelos caminhos,
Gottas de luz, como sóes;
Ruflos, canções, borborinhos,
Noivado em todos os ninhos,
Por toda a relva, aranhóes.

E em tudo quanto eu diviso,
Ha tal brilho, tal clarão,
Como si, do paraiso,
Deos acendesse um sorriso
Em cada hervinha do chão.

Volto... Os caboclos, no eito,
Vão debastando os joás;
E eu venho tão satisfeito,
Como si houvesse em meu peito
— Um baile de tangarás!

E então, mais vivo e mais moço,
Num fresco terno de brim,
Eu vou, com grande alvoroço,
Sentar-me á mesa do almoço,
Que espera apenas por mim.

Risonha, a fumaça vôa
Em densos, calidos véos:
E' o lombo, é a caça, é a leitôa,
— Toda a copia, farta e bôa,
Dos nossos ricos piteos!

Depois, ao longo do dia,
Para abrandar o verão,
Ha o pecego, a melancia,
A fructa nova e sadia
Colhida em plena estação.

E á noite, o luar, que fulgura,
Por tudo estende o seu véo;
Brilham estrellas na altura,
E uma inifinita doçura
Penetra os campos e o céo.

E emquanto, placida, róla
A lua pela amplidão,
Festivamente se evola
O som duma graphonola,
Quebrando a paz do sertão.

Num timbre gasto e confuso,
Pelo silencio rural,
Retumba a voz do Caruso,
Velhas canções em desuso,
E fados de Portugal...

Nisto, o relogio badala:
Dez horas... Já é tarde assim?
E, despovoando-se a sala,
A casa inteira se cala,
Tomba um silencio sem fim...

Um cheiro de mangerona,
Lá fóra, embalsama o ar;
E emquanto tudo resona,
Uma tardia samphona
Passa na estrada, a chorar...

CHIQUITA

"Bom dia! Sempre bonita?"
— E' assim que eu vou, de manhã,
Saudar a linda Chiquita,
Que, toda em frios, tirita
No seu vestido de lã.

Maneiras brandas e amenas,
Olhos de negro fulgor,
Chiquita, a flor das morenas,
Com seus quinze annos apenas,
E' um mimo de graça e amor.

De estranho tedio ferida
No seu collegio francês,
Quizera, langue e abatida,
Mudar um pouco de vida,
Passar nos campos um mês.

E em festa e risos agora,
Nos ares bons do sertão,
Chiquita se revigóra,
E alegra-se, e viça, e córa,
Como uma rosa em botão.

Mal surge, fresca e orvalhada,
No céo azul, a manhã,
Sahimos nós pela estrada,
Com a alma leve e doirada
Pela alegria mais sã.

Que graça!... Ella tudo admira:
O campo, as roças, os bois...
Ás vezes passa um caipira,
Que, com espanto, nos mira,
E fica a rir de nós dois...

Em casa — o dia todo — ella
Faz mil perguntas pueris;
E sempre, ingenua e singella,
Conversa, ri, tagarella,
Como um passaro feliz!

Sol a pino, a todo o transe,
Quer ir saltar no café:
E á volta, sem que descance,
Começa a ler um romance,
Ou trabalhar num *crochet*...

De quando em quando, um espinho
Sangrar o peito me vem:
E a tarde inteira, sosinho,
Sentado ao pé do caminho,
Fico a lembrar-me de alguem...

E eis que ella chega, de branco,
Cabello negro, em bandós;
E alegre, num riso franco,
Senta-se alli no barranco,
Onde ficamos a sós...

Na tarde azul, merencorea,
Dum socego espiritual,
Chiquita, como uma gloria,
Repete-me toda a historia
Da vida de collegial...

E alli, nesse ermo pacato,
Ella, menina e mulher,
Relembra, facto por facto,
As diversões do internato,
Os ralhos da *Notre-Mère*...

Falla... E eu, ouvindo a macia
Brandura do seu fallar,
Sinto, no olhar que me envia,
A doce melancolia
Do seu nostalgico olhar.

Não ha feitiço que prenda
Como o dulçor dessa vóz...
E assim, sem que ella o comprehenda,
Chiquita é o sol da fazenda,
E a festa de todos nós...

NHA CARÓLA

EIA!... O meu baio caminha
Por entre nuvens de pó:
Vou ver a boa vizinha,
Essa adorada velhinha
Que eu quero como uma avó.

Nasceu aqui, e aqui móra,
Neste retiro de paz:
E' uma bondosa senhora
Que inda me quer e me adora,
Como ha vinte annos atrás.

E hoje, que o dia se engála
De tanta luz, tanta côr,
Vou, *Nha* Caróla, abraçal-a,
Ouvir de novo essa falla,
Sentir de novo esse amor!

A casa, tosca e singella,
Já eu avisto daqui:
E *Nha* Caróla, á janella,
Tem ares de quem anhela
Por me apertar junto a si!

E logo, alegre e festiva,
Ao ver-me entrar o portal,
Numa caricia affectiva,
Mostrando a velha gengiva,
— Ri-se num riso jovial!

Salta-me então ao pescoço:
E abraça! E ri! que aranzel!
E nesse ingenuo alvoroço,
Nem olha que eu já sou moço,
Nem vê que eu sou bacharel...

Céos!... E' a mesma *Nha* Caróla,
Que, enrugada como está,
No tempo em que eu ia á escola,
Enchia a minha sacola
De broinhas de fubá.

E eu, que por tudo inda leio
Memorias do que deixei,
Saio com ella a passeio,
Rever, num dorido anseio,
Os sitios que tanto amei!

Em frente, limpo e varrido,
Fica um terreiro de chão:
E' ahi, depois de colhido,
Depois de secco e batido,
Que se peneira o feijão.

Pastam o zaino e a ruana...
Que dois amigos fieis!
— E ao longe, á luz meridiana,
Verdes touceiras de canna
Fulgem em verdes quarteis!

Raspas de clara mandioca
Seccam ao sol, num tendal;
E range a rude engenhoca,
Que um tardo burro desloca,
Tranquillo, patriarchal.

Rudeza assim, doce e branda,
Nos sitios hoje nem ha!
E é bem de ver, numa banda,
O amplo forno da quitanda,
As assadeiras e a pá...

Os gansos da fazendola
Debicam pelo quintal;
E o gallo, um fofo mariola,
Ronda as gallinhas d'Angola,
Como um sultão oriental.

E o pomar?... Ruas inteiras
De altas arvores senis:
São araçás, são mangueiras,
São frondosas larangeiras,
Sombreando o asylo feliz.

Camões sonhara Natercia
No encanto deste pomar!
Que paz! Que sombras! Que inercia!
E como as limas da Persia
Aromatisam este ar!

E eu vou por tudo... E eu vagueio
Por todos estes rincões...
Que delicioso passeio!
Tão bom, tão lindo, tão cheio
De fundas recordações!

E o dia inteiro, numa ansia
Que o coração não traduz,
Fico a lembrar minha infancia,
Que eu inda vejo, á distancia,
Banhada de ouro e de luz!

E á tarde, quasi á noitinha,
Volto... E ao voltar, triste e só,
Venho abençoando a velhinha,
Essa adorada vizinha
Que eu quero como uma avó...

OS COLONOS

LÁ vem o dia apontando...
Que afan! Já todos de pé!
Ruidosos, tagarellando,
Vão os *colonos* em bando
Para os talhões de café...

E á luz do sol que amanhece,
Por montes, por barrocaes,
Por toda a parte esplandece,
Com sua esplendida messe,
O verde dos cafezaes!

Começa o rude trabalho.
Que faina honrada e feliz!
Inda molhados de orvalho,
Flamejam, em cada galho,
Os bagos como rubis.

Trabalham... Que ardor de mouro!
Todos *derriçam* café!
Parece um rubro thesouro,
Que cae, numa chuva de ouro,
Dos ramos de cada pé...

E ao meio dia, aos ardores
Do alto sol canicular,
Os rudes trabalhadores,
Ao longo dos carreadores,
Poem-se todos a cantar.

Pela dormencia dos ares,
Sob estes céos côr-de-anil,
Cantam canções populares,
Que lá, dos antigos lares,
Trouxeram para o Brasil.

Aqui, um forte italiano,
Queimado ao sol do equador,
Solta aos ventos, bello e ufano,
Num timbre napolitano,
A sua voz de tenor!

Ha uma terna singeleza
Nas trovas que um outro diz;
Um rapagão de Veneza
Tem, no seu canto, a tristeza
Das aguas do seu paiz.

E uma sanguinea espanhola,
De grandes olhos fataes,
Em baixa voz cantaróla
Uns quebros de barcarola,
Maguados, sentimentaes...

Que cantem!... Essa cantiga,
Brotada no coração,
Seja a prece que bemdiga,
A terra que hoje os abriga,
A Patria que lhes dá pão!

NHÔ JOÃO, O TROPEIRO

Por essas noites de frio,
Batidas de agua e tufão,
Num rancho, á beira do rio,
Eu me quedo, horas a fio,
A conversar com *nhô* João.

E' um velho... Rude e trigueiro,
Envolto num ponche azul,
Fumando, a olhar o braseiro,
Começa o antigo tropeiro
Contar-me historias do Sul...

Ao longe, muito á distancia,
Os tempos perdem-se já,
Em que elle, todo arrogancia,
Ia de estancia em estancia,
Buscando tropas por lá.

Na sua besta tordilha
De manchas brancas no pé,
Nhô João, tocando a tropilha,
Cortava muita coxilha
Para chegar em Bagé!

E lá, de taes cercanias,
Elle, viril rapagão,
Puchava, dias e dias,
Pontas de mulas bravias,
Para vender no sertão.

Que lida... Assim que a alvorada
Tingia o céo de listrões,
Já a tropa, a chucra manada,
Trotava ao longo da estrada,
Por entre a grita dos peões:

Eh mula! Vorta! Caminha!
E os echos vibravam no ar,
Emquanto, lerda e sosinha,
Ia na frente a madrinha
Com seu sincerro a tocar...

Que vida simples e honesta!
Como era bom, no verão,
Ter o descanso da sesta,
No meio duma floresta,
Á beira dum ribeirão!

E á tarde, quando cahia
A sombra crepuscular,
Era de ver a alegria,
Com que a peonada escolhia
Um sitio para acampar.

E então, descendo as bruacas,
Queimados, fulvos de suor,
Sobre improvisas estacas,
Erguiam logo as barracas,
Soltando a tropa em redor...

E nada mais delicioso,
Ao fim da labutação,
Do que, na calma do pouso,
Ter um churrasco cheiroso,
E a cuia de chimarrão!

E entre historias de rodeio,
Contos, gauchadas febris,
Aos poucos, num devaneio,
Sobre os pelegos do arreio,
Dormir um somno feliz...

E o velho, a voz rude e grossa,
Relembra com effusão:
"Que viage... Êta festa—nossa!—
No dia em que Ponta-Grossa
Despontava no espigão..."

E a historia sempre elle acaba,
Pintando, com muita côr,
As feiras de Sorocaba,
Onde encontrára uma "*diaba*"
Por quem morrera de amor...

E assim, lembrando o passado,
Nhô João, com frio desdem,
Termina desconsolado:
"*Hoje tá tudo mudado!*
Vem tudas coisa no trem...'

E alli, no humilde pardieiro,
Envolto num *ponche* azul,
Saudoso, olhando o braseiro,
Conta-me o velho tropeiro
Longas historias do Sul...

SÃO JOÃO

A Luiz Piza Sob.º

E' noite... O santo famoso,
O doce, o meigo S. João,
Tivera um dia glorioso,
Todo de bulha e de goso,
Que encheu de vida o sertão.

Cedo, por entre os clamores,
E os *bravos* do povileo,
Lindo, enramado de flores,
Um mastro de vivas cores,
Subira em triumpho ao ceo!

E agora, emquanto palpita
A clara noite hibernal,
Toda a fazenda se agita,
Nessa alegria infinita
Da festa tradicional.

Dentro, com grande aparato,
Brilha, enfeitado, o salão:
Que ha, nessa festa do mato,
Pessôas de fino trato,
Chegadas para o S. João...

Destaca-se entre essa gente
A flor da *elite* local:
O padre, o juiz, o intendente,
— O proprio doutor Vicente
Que é deputado estadual.

Ante o auditorio pasmado,
Que, num enlevo, sorri,
A Isabelinha Machado
Batuca, sobre o teclado,
Uns trechos do Guarany...

E tudo quanto assassina,
Recebe immensa ovação;
Todos, quando ella termina,
Poem-se a exclamar: "*Que menina!*
Dá gosto... Que vocação!"

E ella, entre ingenua e brejeira,
Com ares de se vingar:
"Agora, queira ou não queira,
Seo Saturnino Pereira
Ha de tambem recitar."

Surge, á força, o Saturnino...
Rugem palmas em redor!
E' um typo, esgalgado e fino,
Que sabe, desde menino,
Dizer Castro Alves decór.

Na sala, muda e tranquilla,
Retumbam os versos seus:
E elle, o letrado da villa,
Ao som da velha Dalila,
Diz: "*Foi desgraça, meu Deus...*"

Após ouvir a estupenda
Flammancia do seu fallar,
No amplo salão da fazenda,
Os velhos jogos de prenda
Reclamam o seu lugar.

Começa então a berlinda...
Risos. Cochichos. Zum-zum.
— De pé, donairosa e linda,
Pergunta a D. Florinda
Os dotes de cada um:

Porque razão, seu Martinho,
Foi á berlinda a Lêlê?
— *"Porque olha muito ao visinho"*;
"Porque é má; porque é um anjinho"
"Porque é vaidosa"; *"porquê..."*

E todo o mundo, a porfia,
Requinta na indiscreção...
E emquanto, ingenua e sadia
Essa camponea alegria
Faz palpitar o salão,

Lá fóra, alegre e gabola,
Num terreiro de café,
Ao rude som da viola,
A caboclada rebóla
Num tremendo bate-pé!

A filha do Zé-Moreira
E' o mimo deste São João:
A' luz da rubra fogueira,
Requebra a guapa trigueira
Ao lado do Chico Peão.

Candóca, a noiva do Jango,
Baila num passo taful;
E' a flor, que, neste fandango,
Tem labios cor de morango,
Vestido de chita azul.

E no tumulto se nóta,
Aos risos dos que lá estão,
Nho Lau, de esporas e bota,
Dansando junto a *nha* Cóta,
Viuva do Conceição...

A' voz do *pinho* que chora,
Por sob a paz do luar,
Fremindo vae, noite afóra,
Essa alegria sonora
Da caboclada a bailar!

E do salão, que ainda brilha
Num faiscante esplendor,
Chegam os sons da quadrilha,
Que alguem ao piano dedilha
Com indomavel furor.

E no sarau campesino,
Nesta festa alegre e chã,
Ruge a voz do Saturnino,
Que grita, esgalgado e fino:
"*Balancez! Tour! En avant*..."

DESPEDIDA

Não ha côres, não ha traços
Que digam quanto eu soffri,
Ao apertar em meus braços,
Com o coração aos pedaços,
As boas gentes d'aqui!

Que scena... Adeos, Sizenando!
Té á volta, Zé! Chico, adeos!
Então, *nhô* Juca, até quando?
— E estreito assim todo um bando
De velhos amigos meus!

Chiquita, flor timorata,
Como eu te abraço com dor...
E ella, a menina gaiata,
Singelamente desata
Num pranto acabrunhador.

Fundo pezar se acrisóla
No peito dos que alli estão:
Não chore mais, *nha* Caróla!
Seu choro me desconsóla
E punge meu coração!

O baio os passos estuga...
E eu vejo-a, lá, no portal,
Tão velha, com tanta ruga,
Que ainda os olhos enxuga
Numa ponta do avental!

Pela estrada, velha e torta,
Sigo num largo trotar;
E o coração se me corta,
Ao vel-os todos, na porta,
Com um lenço branco a acenar...

E sigo... Adeos, lenço branco!
Adeos, cafeeiros, adeos!
Bem sinto, a cada barranco,
Que eu, suffocado, me arranco
Destes logares tão meus!

E sigo... Quantos recamos
De claro e verde matiz!
Riem-se as flores nos ramos
Esvoaçam os gaturamos,
E beijam-se os colibris!

E ai! que tristeza me invade
Nesta sonora manhã!
Com que mordente saudade,
Volto ao horror da Cidade,
Ao pó da vida malsã!

Deixar o campo, as charrúas,
Todo este encanto rural,
Para entediar-me nas ruas,
Sabendo as vis falcatrúas
Que fez o Ministro tal...

E em vez da caça ás perdizes,
Da espera junto aos mundéos,
Vir, como outros infelizes,
Tratar no fôro com juizes,
E ouvir nas grades os réos!

E eu, detestando isso tudo,
Num desalento cruel,
Tenho o desejo sanhudo
De espedaçar o canudo
Com a carta de bacharel,

E, na doçura que encerra
Esta simpleza daqui,
Viver de novo, na serra,
Entre as gentes desta terra,
A vida que eu já vivi...


MOITA
DE
ROSAS
PAIM
920

Á BEIRA DO CAMINHO

POR essas tardes placidas do campo,
— Tardes azues de firmamento escampo,
Eu vou, través de longos carreadores,
Sentar-me num barranco, ermo e distante,
Sentindo o fresco aroma penetrante
Que vem da madre-silva aberta em flores.

Tudo me entrista e punge nestas terras!
Os mesmos cafezaes, as mesmas serras,
E a mesma casa antiga da fazenda
Que outr'ora viu, quando eramos meninos,
Nossos amores, nossos desatinos,
— Toda essa historia já desfeita em lenda!

Quanta saudade... De manhã bem cedo,
Sahiamos os dois pelo arvoredo,
De alma contente e exclamações na voz!
Como eramos apenas namorados,
E andassemos, a rir, de braços dados,
Os camponêses riam-se de nós!

Era dezembro... Florescia o milho,
Verde e glorioso como o nosso idyllio...
Que lindas roças! Que estação aquella!
Toda a velha fazenda parecia,
Com sua larga e rustica alegria,
Mais cheia de aves, mais ruidosa e bella!

da guardo, intacta, na memoria,
a essa ingenua e deliciosa historia,
foi o meu e o teu primeiro amor;
! que recordação, que duro travo,
ibrar que fui teu rei e teu escravo,
er que fui teu servo e teu senhor!

ismo... e scismo... A tarde vae tombando;
ado a lado, claras, azulando,
acam-se as collinas no horizonte;
tonha, a varzea na amplidão se perde...
m baixo um bambual sombrio e verde,
fio d'agua e uma arruinada ponte...

sim, ao por do sol, triste e sosinho,
ado num barranco do caminho,
que ninguem meu coração comprehenda,
a mata, olho os campos, olho a estrada,
indo a melancolica toada
chora, ao longe, o piano da fazenda...

BUCOLICA

Foi ao pé deste arvoredo,
Sob esta sombra orvalhada,
Que um dia, muito em segredo
Vim esperal-a na estrada.

Mudo, ansioso, palpitante,
Por longo tempo esperei-a,
Cuidando ouvir, todo instante,
Seu leve passo na areia...

E eis que ella, toda assustada,
Surgiu, tremula e confusa,
Com uma rosa encarnada
Florindo as rendas da blusa.

O sol, festivo e risonho,
Doirava o céo todo escampo;
E nós, perdidos num sonho,
Fomos a rir pelo campo...

Que festa pelo caminho!
Que sons! Que luz! Que esplendor!
Gorgeios em cada ninho,
Abelhas em cada flor!

Ella, correndo no atalho,
Pisando a verde barranca,
Humidecia de orvalho
A barra da saia branca...

Eu, que a levava de braço,
Todo amor, todo ansiedade,
Sentia-me, passo a passo,
Morrer de felicidade!

Foi uma linda jornada
Por montes e carreadores...
Ai! Cada sombra na estrada,
Ai! Cada moita de flores,

Tudo servia de ensejo,
Para eu, com a alma radiosa,
Colher a rosa de um beijo,
Naquella bocca de rosa!

Mas hoje — tudo desfeito...
De tanta ingenua poesia,
Ficou-me apenas no peito,
A magôa que me escrucia.

Recordação leve e mansa,
Saudade que eu não arranco,
E' a deliciosa lembrança
Daquelle vestido branco...

Pois nada, oh flor, se assemelha,
Nem tem a frescura e a graça,
Daquella rosa vermelha
Naquella blusa de cassa!

SOB UM PECEGUEIRO

Foi pelo tempo alegre da moenda,
Quando, aos quinze annos, tudo nos sorr
Que nós tecemos, juntos, na fazenda,
Toda uma historia de infantil poesia.

E sob um pecegueiro, amplo e robusto,
Cheio de fructos e de passarinhos,
Foi que nós ambos, pallidos de susto,
Nos encontrámos certa vez, sosinhos...

confusos, tão timidos ficámos,
ermo-nos juntinhos no pomar,
nós, olhando os pecegos nos ramos
tinhamos coragem de fallar!

de repente — que ventura louca! —
sorriu-me, tremula de pejo,
lhe furtei da pequenina bocca,
pequenino e delicioso beijo...

desde então que na minh'alma eu trouxe,
o lembrança desse amor fagueiro,
beijinho estaladinho e doce,
nós trocámos sob o pecegueiro .

VELHA RECORDAÇÃO

Ao encontrar, na pagina em que leio,
A murcha flor que outr'ora, num passeio
Tu me offertaste, prodiga de extremos,
Puz-me a lembrar, com asperas saudade
A doce trama de felicidades
Que então compoz o idyllio que tecemo

cordas-te?... Partimos em segredo.
a domingo... Ah! Como tinhas mêdo
e alguem nos visse ou reparasse em nós;
céo fulgia um sol quente e dourado;
— todo ufano de levar-te ao lado,
— toda rubra de passearmos sós...

egámos... Que ventura e que poesia!
verde da folhagem resplendia
teu vestido branco, num contraste;
á sombra amiga de arvores annosas,
tre aromas de angelicas e rosas,
mo eu te amei e como tu me amaste!

ucas promessas, calidos desejos,
raços longos, demorados beijos,
ram a gloria desse idyllio agreste;
eu inda trago, inteira, na lembrança,
uella jura, carinhosa e mansa,
nos meus braços, pallida, fizeste!

Depois... Por que lembrarmos, transe a tran
O enredo emocional desse romance,
Que foi tão cheio de alegrias fartas?
Pobre amor!... Pobre sonho, ingenuo e do
Que se desmoronou como si fosse
Um castello fragillimo de cartas!

E hoje, ao lembrar, na pagina em que leio
A historia desse idyllico passeio,
Que foi tão bello e que durou tão pouco,
Minh'alma, ainda tremula, palpita,
Como si ouvisse a tua voz bemdita
Fazer-me a jura que me fez tão louco...

UMA HISTORIA SIMPLES

A Hostilio de Souza Araujo

:om saudades, muita vez me lembro,
: quando, nos bons tempos de estudante,
ssei as grandes ferias de Dezembro,
ıma fazenda rustica e distante.

., nessa paz bucolica e serena,
nti-me preso de infantil cegueira,
ır uma ardente e languida morena,
ıe era a mais bella da *colonia* inteira.

Eu, rapazola ingenuo e ventoinha,
Que então vivia nas regiões aerias,
Sonhei fazer, da esbelta caipirinha,
A musa que inspirasse as minhas ferias.

E ella tambem, na calma da fazenda,
Timbrava em me mostrar seu chiste e apı
Vestindo a blusa de babado e renda,
Pondo uma rosa no cabello escuro!

Para estreitar essa aventura doce,
Tecer com ella um romancinho agreste,
Eu, indo á villa, certa vez lhe trouxe
Um corte de vestido azul-celeste.

E ao receber meu timido presente,
A moça, olhos no chão, o sangue em lava,
Disse-me apenas, com a vóz tremente:
"Que incommodo lhe dei! Não percisava. .

assim, unidos por tão bella chamma,
viamos os dois em mutua estima,
ıando um dia chegou, sem telegramma,
inha formosa e tentadora prima.

om seu donaire fino e romanesco,
eiu á procura de melhor saude,
eber na serra um leite gordo e fresco,
haurir no campo a luz de um sol bem rude.

or isso, de manhã, nós dois sahimos,
Ambos a rir da madrugada nossa! —
ostrando a todos como um par de primos
ıbe gosar as distracções da roça.

lla, espantando aquella pobre gente,
olhando os caros borzeguins no orvalho,
inha embuçada, friorentamente,
um fôfo e modernissimo agazalho.

E a estrada, e os bois, e os carros indo e vin(
E a ponte velha, os cannaviaes, a moenda,
Tudo nós vimos, papagueando e rindo,
Pela rural simpleza da fazenda.

Quando voltámos, pallida e severa,
Com seu arzinho simples e indeciso,
A caipirinha estava á minha espera,
Tendo nos labios um cruel sorriso.

"*E' aquella?*" Perguntou com frio orgulho,
Mostrando a prima que subia a escada;
E arremessando-me um pequeno embrulho
Partiu correndo, sem dizer mais nada...

Parei... Que é isto? Que pezar tamanho
Fel-a explodir nesse rancor sentido?
E abrindo, ancioso, aquelle embrulho extranl
— Puz-me a sorrir: o córte de vestido!



FLOCO DE ESPUMA

A VILLA

BRO-ME bem dessa villota rude,
nde eu me fui, sem gosto e sem saude,
uscar um poiso para os meus cansaços.
ue terra triste!... Triste e sertaneja:
escola, a hospedaria, a antiga egreja,
a capellinha do Senhor dos Passos...

Na esquina, em frente á Camara, o barb
E logo após, num colossal letreiro,
A "*Loja Popular*" do velho Lopes;
E é bem no largo da Matriz que fica
A sempiterna, a classica botica,
Com seus reclames de oleos e xaropes...

Ah! Foi ahi, nesse ermo de tristeza,
Nessa terreola funebre e burguêsa,
Tão sem encantos, tão descolorida,
Que eu fui viver, com lagrimas e flores
No mais cruel amor dos meus amores,
A pagina melhor da minha vida!

MÊS DE MARIA

omo era lindo, em maio, nas novenas,
Por essas rezas tristes e serenas,
Cheias de incenso e de orações piedosas,
Ver as crianças da pequena villa,
Duas a duas, trefegas, em fila,
Virem cantando e carregando rosas!

E eu, toda a tarde, mudo e solitario,
Vinha escutar o mystico rosario
Que o povo murmurava aos pés de Christo
E um dia vi, na reza, com espanto,
Surgir a deusa de mais lindo encanto
Que neste mundo os olhos meus hão visto!

E em plena egreja, nessa tarde inteira,
Quedei-me a contemplar a forasteira,
Num doce enlevo, carinhoso e mudo.
E ella tambem, a rir, de quando em quando,
Mandava-me um olhar discreto e brando,
Que affoitamente promettia tudo!

A FORASTEIRA

SERA-ME o barbeiro da villota,
Que essa elegante, essa gentil devota,
Frequentadora ideal de ladainhas,
Tambem quizera, em busca de bons ares,
Passar o mês das ferias escolares,
Na mesma terra onde eu passava as minhas.

E alli, na villa, nessa pobre aldeia,
Tão incolor, tão rustica, tão feia,
Povoada de caboclos indigentes,
A forasteira, com seu ar *touriste,*
Com seu chapéo de plumas, com seu chiste,
Mais que uma deusa, deslumbrava as gente

E eu, que vivia a padecer nesse ermo,
E a definhar-me, torturado e enfermo,
Nas nostalgias dessa villa odiosa,
Eu bem sentia, ao ver essa estrangeira,
Que na minh'alma, pela vez primeira,
Brotára a flor duma paixão furiosa...

CERTA VEZ...

[illegible]ta vez... Vá, não córes desse geito!
[illegible]u era um estudante de direito,
[illegible]u eras uma simples normalista:
[illegible]odiamos, portanto, meu thesouro,
[illegible]azer, como fizemos, sem desdouro,
[illegible]ssa loucura que hoje te contrista.

Com que emoção — recordas? — com que go
Eu vinha te esperar, vibrante e ansioso,
Nessas novenas de plangencias cavas!
E como um cavalheiro que se preza,
Timbrava em te levar, depois da reza,
Até ao portão da chacara em que estavas.

E certa vez... Não córes desse geito!
Era de noite. Arfava-nos o peito,
E ardia em nós um languido desejo.
Tomei-te as mãos... Sorriste. E ai, num assôm
As nossas boccas, sem sabermos como,
Famintamente uniram-se num beijo!

IDYLLIO

“Vamos?” disseste... E eu disse ansioso: vamos!
Ia no céo, nos passaros, nos ramos,
Uma alegria esplendida e sonora:
E tu, abrindo ao sol, como uma tenda,
Leve sombrinha de custosa renda,
Nós dois partimos pela estrada afóra...

Eram pastagens largas, eram roças,
Carros de bois, curraes, barreadas choças,
E rusticos galpões de pau-a-pique;
Só tu, nessa bucolica simpleza,
Com teu *tailleur* de casemira ingleza,
Punhas uns tons de mundanismo chic.

E a poeira, e o sol queimante, e a dura estrada,
Nós, papagueando, sem sentirmos nada,
Seguiamos num sonho encantador:
E' que a felicidade, como um vinho,
Fazia-nos andar pelo caminho,
Tontos de goso e bebedos de amor!

SINH'ANNA

SINH'ANNA é uma velhota quitandeira,
Comadre e amiga desta villa inteira,
Rica nos annos, rija na saude,
Que vive toscamente ao pé da estrada,
Numa casinha, simples e barreada,
Dum pictoresco delicioso e rude.

Ah! Quanta vez, nessas manhãs vermelhas,
Cheias de aromas, de canções, de abelhas,
Nós dois, numa travessa caminhada,
Não vinhamos alli — que bom passeio! —
Ver a frescura, a paz, o casto asseio,
Da humilde casinhola ao pé da estrada!

E quanta vez tambem (que acção profana!)
Doirávamos a toca de Sinh'Anna,
Com beijos e caricias romanescas,
Emquanto a velha, a candida velhinha,
Voltando ingenuamente da cosinha,
Trazia um prato de quitandas frescas...

———

ESCANDALO

ERA costume, á tarde, em frente á Escola,
Por entre os homens graves da terreola,
Bisbilhotar-se sobre a vida alheia.
Nas rodas que tratavam taes assumptos,
Aquella historia de passearmos juntos
Era o supremo escandalo da aldeia!

E o chefe, e o juiz-de-paz, e o boticario,
Faziam o mais negro commentario
Ao nosso ingenuo amor, todo feitiço!
O proprio padre, um santo e velho cura,
Dizia ao ver-nos: "*Eis a má leitura!*
"*São livros de Zola que fazem isso...*"

Mas nós, como os pastores de Virgilio,
Vivendo então num descuidoso idyllio,
Sorriamos dos toscos provincianos;
E em plena aldeia, desdenhando apôdos,
Passavamos de braço entre elles todos,
Na gloria dos que se amam aos vinte annos!

ADVOCACIA

Um pobre tabaréo, naquellas ferias,
Veiu fazer-me umas consultas serias,
Que eu—estudante—ouvi com grande orgulho:
O homem se ageita, alisa a palha, tósse,
E narra, entre questões de velha posse,
Um caso intrincadissimo de esbulho.

Eu ouço... E após, com ar de quem reflect[e]
Mostro-lhe o Ribas, cito o Lafayette,
Lançando a esmo alguns latins de acaso;
E para consolal-o, ao ir-se embora,
Deixo tombar esta opinião sonóra:
"*Vá sem receio... E' liquido o seu caso.*"

E ella, que tudo vira e tudo ouvira,
A crassa ingenuidade do caipira,
A alta prosapia de minh'alma inculta,
Ella, morta de rir, num alvoroço,
Lançando-me seus braços ao pescoço,
Pagou-me com dois beijos a consulta!

FOI NESSE GRANDE AMOR

oi nesse grande amor, quasi noivado,
Que floresceu o sonho mais doirado
Das tuas ambições, dos meus desejos...
Mas ai! Tanta affeição, tantas loucuras,
O idyllio que tecemos entre juras,
O poema que sonhámos entre beijos;

Toda essa historia ingenuamente bella,
Essa gentil, romantica novella,
Que ainda de saudade se perfuma,
— Tudo isso se desfez num só momento,
Como um rosal onde batesse o vento,
E as rosas despencassem uma a uma!

E eu sei que um dia, no murchar dos annos,
Quando já velha, bem velhinha fores,
Puzeres-te a lembrar nossos enganos,
Dirás, com uma lagrima sentida,
Que foram esses calidos amores,
A pagina melhor da nossa vida!

FIM DE VIAGEM

VENHO a sonhar comtigo... e, no meu sonho,
Vendo o arraial bucolico e risonho,
Onde floriu nossa paixão feliz...
Com que saudade, com que gosto amargo,
Relembro a tua casa em frente ao Largo,
Que tu chamavas "*Largo da Matriz...*"

Vejo-te ainda, lá, nesse povoado,
Tua cestinha de costura ao lado,
Bordando rubras flores a retróz;
E escuto ainda aquella ardente jura,
Que nós trocámos, ebrios de ventura,
Naquella noite em que ficámos sós...

E assim, cansado, neste fim de viagem,
Fitando a mesma, insipida paisagem,
Quanto pesar no coração concentro!
E o trem de ferro, emquanto eu scismo, afflic
Soltando um longo e estridulento apito,
Entra, a bufar, pela cidade a dentro...

São ruas, viellas, bairros proletarios;
Rasgando o azul, ao longe, os campanarios,
E as chaminés das fabricas e usinas;
Vivos letreiros, no alto, em letras largas;
Aqui — vagões, depositos de cargas,
Pontes, guindastes, machinas, cabinas...

Mas eu, no entanto, pensativo e mudo,
Passo por tudo, indifferente a tudo,
Bem longe tendo o espirito daqui!
E vejo apenas — que visão tranquilla! —
Tua longinqua e solitaria villa,
Donde, chorando, esta manhã parti...

ETERNA COMEDIA

Dessa ventura que nós dois tecemos,
De tantas affeições, tantos extremos,
Já nada existe, nem saudade vive!
Depois daquelle sonho azul-celeste,
Muitos idyllios sei que já tiveste,
Muitos amores sabes que eu já tive!

Tudo acabado. Mas, oh flôr, no entanto,
Por que nós dois estremecemos tanto,
Quando eu te vejo e quando tu me vês?
Por que, quando me vês, quando eu te vejo,
Sacode-nos um calido desejo
De ainda nos unirmos outra vez?

Não sei... Mas sei que me amas como eu te amo!
Que esta paixão, como uma flor num ramo,
Em nossos corações viceja e cresce!
Porque este amor foi um desses amores,
Tão bons, tão loucos, tão abrazadores,
Que a gente, em vida, nunca mais esquece!

SÊ FELIZ!

És noiva... Em breve ha de raiar o dia,
Festivo, azul, vibrante de alegria,
Que te sorri num céo de rosicler.
Irás á egreja... E, num altar formoso,
Branca de anseio, tremula de goso,
Verás florir teu sonho de mulher!

Oh! Nessa noite, o baile terminado,
Ao te despires para o teu noivado,
Sonhando os sonhos que a paixão te diz,
Tu has de ouvir, na alcova silenciosa,
O tom queixoso duma voz queixosa,
Que te dirá baixinho: *Sê feliz!*

E, pallida de susto, ao escutal-a,
Has de reconhecer a minha falla,
Ouvindo a minha voz naquella voz!
E has de sentir, como jamais sentiste,
O fel que vae naquelle verso triste,
A dor que punge aquella phrase atróz...

DERRADEIRA SAUDADE

PAIXÃO fugaz... Ventura passageira...
Rosa que não colhemos da roseira,
Mas que esteve, no galho, ao nosso alcance..
Ah! Quanta vez, num desespero mudo,
Eu quedo-me a scismar naquillo tudo,
Que encheu de sol nosso cruel romance!

Bemdigo ainda os beijos que maldizes,
Que abriram na minh'alma cicatrizes,
Que encheram de ambrosias nossa bocca;
Só me consóla, nesta dor pungente,
Lembrar que te adorei perdidamente,
Lembrar que me adoraste como louca!

Mudaste muito, eu sei... Mas, com certeza,
Nas horas de saudade e de tristeza,
Em que a alma chora e o coração nos trae,
Has de pensar em mim de quando em quando,
Com lagrimas nos olhos relembrando
— Toda essa historia que tão longe vae!

FLOCO DE ESPUMA

NAQUELLE amor todo feito
De misterioso capricho,
Vivias tu no meu peito,
Como uma santa num nicho.

Dessa ventura, no entanto,
Só restam fundos espinhos:
— Saudades do teu encanto,
Lembrança dos teus carinhos...

Só resta um fino resabio,
Só resta um vago lampejo,
De que era doce o teu labio,
De que era quente o teu beijo!

Pobre illusão que se esfuma
Na cinza dos desenganos:
— Tu foste um floco de espuma
No mar azul dos vinte annos...

SERTA-NEJAS

A QUEIMADA

> A Queimada! A Queimada! é uma fornalha!
> A irara pula, a cascavel chacalha.
>
> *Castro Alves*

AGOSTO. Por de sol. Paisagem silenciosa.
A natureza inteira, aos poucos, adormece
Nesse vago planger da hora vesperal.
De subito, na mata, eleva-se, medrosa,
Uma serpe de fogo: augmenta, engrossa, cresce,
E expande-se, num surto, ao secco matagal!

E' a queimada! a queimada! E' a rubra carbonari
Que vem, de archote em punho, em meio á ramaria
Desencadeando a furia e o impeto das chamma
Conflagra, ruge, sobe aos troncos, e, incendiari
Vomita fogo, enraiva as flammas, desvaria,
Os caules despenhando e calcinando as rama

Nada resiste, nada, ao seu furor sanhudo:
Perobas, guaratans, jequitibás, pao-d'alhos,
Bellos troncos anciãos, troncos patriarchaes,
Um seculo a ensombrar o mato verde e rudo,
Um seculo a florir os seus robustos galhos,
Onde cantaram sempre os ninhos e os casaes,
Tudo flammeja e rue ao vortice nefando!
Os animaes, fugindo, escondem-se trementes;
Voam, tontas no espaço, as aves com terror;
Um mar de cinza e fogo ulúla, crepitando;
Estalam os cipós; chocalham as serpentes;
E estouram os bambús rachando com fragor!

O ar suffoca e pesa; a fumarada vôa...
E a sublime belleza horrivel da queimada,
Attinge o aureo esplendor de sua destruição!
Chispam fagulhas no ar; o grande incendio atrôa;
E a escampada planicie esplende, illuminada
Ao sombrio fulgor do vermelho clarão!

Ah! Quem pudesse ouvir, nessa soturna festa,
O que diria, ardendo, a alma da floresta!
Ah! Quem pudesse ouvir os intimos gemidos,
As lagrimas, a dor, os uivos, os lamentos,
Que soltaria então o coração das matas,
A sentir e a escutar os baques e estampidos
Das arvores, ruindo em tombos violentos,
Na voragem feroz das chammas escarlatas!

Altas horas, porfim, calmou-se, a pouco e pouc
O enraivado furor da labareda solta.
O mato era um montão de ruinas calcinado.
O incendio, ceifador sangui-sedento e louco,
Desenfreando a sanha ardente e desenvolta,
Tudo havia destruido e tudo carbonado!

E a noite, a clara noite, ouvindo, constellada,
O ribeirão passar, aguas negras, aos roncos,
Povoando a solidão de incomprehendido chôr
Como para abençoar a sinistra queimada,
Por sobre aquelles mil cadaveres de troncos,
— Desenrolava o manto azul broslado de ouro.

Um anno após, dourando os campos, floresci
Uma roça de milho aos trilos dos casaes...
Do seio bom da terra a vida resurgia,
Na verde floração dos tenros milharaes...

Cantando, novamente, os passaros voavam;
Ao vento, que zunia, as hastes se encurvavam:
E dos ramos, da flor, da clara luz do dia,
Dos cantos dos sabiás e das espigas louras,
Remontavam ao ceu os hymnos de alegria
Que sobem das lavouras!

A Morte é assim como a queimada...
Brandindo e sacudindo a sua negra espada,
Esmigalha, passando, os altos potentados,
Os principes e reis, os sabios e oradores,
Os generaes de genio, os poetas aureolados,
— Fortes cerebrações de grandes pensadores!

Mas, por sobre os tropheus que vae deixando a Morte,
Sobre os destroços bons da geração que passa,
Sobre o que cobre a tampa a brancura das lousas,
Uma outra geração resurge inda mais forte,
Renasce, com mais vida, outra mais bella raça,
Na eterna evolução dos homens e das cousas...

TRECHO RUSTICO

Ao Dr. Reynaldo Porchat, mestre e amigo

Soturna, verde-negra, impenetravel, dorme,
Ao sol canicular do estio, a mata bruta:
Sertão cerrado e umbroso, em cujo seio enorme
Braceja, emaranhada, a galharia hirsuta.

Dorme escutando, ao longe, a voz do grande rio,
Que vem, turbilhonando as aguas, campo fóra,
Romper-lhe o matagal selvatico e sombrio,
Desbravar-lhe o sertão, desvirginar-lhe a flora.

olando, estrepitando as ondas tributarias,
ue em seu calcareo leito os rios vão depôr,
em, como um rei, por entre as brenhas solitarias,
asgar-lhes a rudez do coração em flor.

em, todo azul, a uivar como um revolto oceano,
ovoar a solidão dos velhos troncos rudos,
verde tremedal desse trevoso arcano,
om o aspero fragor dos vagalhões sanhudos.

' o Tieté!... Rebramando as turbulentas vagas,
ue de tão longe vêm, para tão longe vão,
ufando em gorgolões, espumarando as fragas,
enetra o labirintho escuso do sertão!

enetra a inextricada e virgem natureza,
om o clamor feroz duma tribu selvagem,
spelhando, no azul da vasta correnteza,
agreste resplendor da rustica paisagem!

Retumba-lhe o bramar dos gritos acachoantes
Nessa immensa amplidão de matas brasileiras;
Dum lado e d'outro lado, as arvores gigantes
Ensombram-lhe o pendor das velhas ribanceira

Pelos troncos anciãos, pelos cipós da altura,
Viçam, bizarramente, agrestes parasitas;
E a densa mataria, esplendida, fulgura
Num rubro carnaval de flores exquisitas!

E' a natureza, casta e forte, de nateiros,
De tredos socavãos, de florestas extranhas.
Guardando, enthesourada em seculos inteiros,
Uma fecundidade ardente nas entranhas.

E assim, por entre a terra exuberante e bôa,
Por entre a selva bruta, o rio, que esbraveja,
Leguas e leguas vae, surdo fragor que atrôa,
Roncando pelo chão da brenha sertaneja.

A voz se lhe redobra; engrossa-lhe o alarido;
Ruge, furiosamente, a correnteza brava;
E eis que rebenta, uivando, o horrisono estampido,
O fervido acachoar do rouco "Avanhandava".

Já de longe se escuta, hediondo, rebramando
Pelos fundos desvãos reconditos da mata,
Reboando com furor, colerico estrondado,
O estrupido brutal dessa brutal cascata!

A turbida caudal, a echoar de penha em penha,
Rola á beira do abysmo as aguas ululantes:
Remoinha e ferve e estoira e toda se despenha
Num fervilhoso alvor de espumas borbolhantes!

E como um "bandeirante" ousado na conquista,
O Tietê, encrespando as vagas cor de prata,
Largo, a rugir su'alma heroica de paulista,
Embrenha-se outra vez no coração da mata...

FERIAS DE JUNHO

De gentes simples e caboclos rudos,
Na minha terra existe uma florida
E placida fazenda,
Onde eu, longe de livros e de estudos,
Esbanjo as ferias sem pensar na vida,
Em junho, na moenda.

O terreiro é fechado a páo-a-pique,
Com porteiras de cedro em cada lado,
Que ringem roucamente;
Ficam num canto o engenho e o alambique,
Onde fazem assucar e melado,
Garapa e agua-ardente.

Funda lagoa sob a ponte dorme,
Em que nadam uns patos de alvas plumas,
E bebem juritys;
E muito alem se estende um campo enorme,
Um campo de joás e de guaxumas,
Crivado de cupis.

O ribeirão que tomba d'um penedo,
Faz tocar o volante da engrenagem
Que as cannas remoinha;
E mal desponta o sol de manhã cedo,
Começa a faina immensa da moagem
Que acaba de tardinha.

Carros de bois, atravessando as roças,
Trazendo cannas aos montões ceifadas,
Passam chiar-chiando;
E vêm do cannavial as vozes grossas
Que entoam sem cessar os camaradas,
Entre jocás foiçando!

Bem cedo, na fornalha, até ao sol posto,
Flammeja uma possante labareda,
Ao crepitar das achas;
E o engenho todo exhala um cheiro a mosto
— Um forte cheiro de garapa azeda
Que vem das amplas tachas.

E quando, á tarde, por detraz do atalho,
O sol expira entre golfões sangrentos
De sangue que espadana,
— Cessa o rumor da faina e do trabalho:
E os asperos caboclos poeirentos
Recolhem-se á choupana.

Tudo se aquieta... Tremulas, se engastam
As estrellas na abobada infinita;
Hora tristonha e suave.
Os bois ruminam; os cavallos pastam;
Pára a moenda, o fogo não crepita,
Reina um silencio grave...

Somente o Zé Venancio, na soleira
Da sua choça esburacada e antiga,
Maguado, se consola,
Trovando a ingratidão duma roceira,
Cantando uma tristissima cantiga,
Ao som de sua viola...

A' SOMBRA DAS ARVORES

Aqui, na solidão destes pinheiros graves,
Eu venho, muita vez, a sós, pela noitinha,
Ouvir a natureza incomprehendida, a minha
Amada, a minha amiga, a minha confidente

Ouvir a natureza! Esse gemer plangente,
Essa apagada voz de surdinas estranhas,
Que vem dos ribeirões, que sobe das montanha
E accorda, dentro d'alma, em nossa soledade
Um mistico pungir de magoa e de saudade.

Ah! cada arvore tem uma intima linguagem!
Ah! cada arvore tem, fremindo na ramagem,
Uma alma como nós, que nós não vislumbramos,
Mas que vibra no ar e palpita nos ramos...

Já repararam quando as brizas vespertinas
Sopram, como, a gemer, soffrem as casuarinas?
E choram os chorões? soluçam os pinheiros?
Murmuram os ipês e cantam os coqueiros
Quando o vento, a passar, balouça-os palma a palma?
— Homens, reparem bem que as arvores têm alma!
Reparem que á noitinha, á luz do lusco-fusco,
O ruido, os sons, a vida, estacam-se de brusco,
E cada arvore fica immersa num scismar
De quem comprehende e sente a dor crepuscular!

Oh! vós que respiraes a poeira da cidade,
Jamais entendereis a doce suavidade,
A musica dorida, a estranha nostalgia,
Que vem da solidão quando desmaia o dia!

Vós nunca entendereis essa rude grandeza,
Essa infinita paz, essa immensa tristeza,
Que sáe do coração da mata bruta, quando
Resplandecem no céo os astros palpitando!
E' preciso viver longe da turba humana,
Longe do mundo vão, longe da vida insana.
Para sentir, amar, ouvir essa tristeza,
Que exhala, ao por do sol, a maga natureza!

Ai! Quanta vez, eu fico a sós, pela noitinha,
Ouvindo a natureza, a inspiradora minha!
Ouvindo o pinheiral com seu gemer infindo,
Ouvindo a noite, ouvindo as arvores, ouvindo
Os ventos, e, na volta exigua duma curva,
Ouvindo o ribeirão de correnteza turva,
Que vae, soturno, uivando o estrepito das aguas,
Comsigo rebramando incomprehendidas magoas...

E assim, no ermo da tarde, escutando, enlevado,
Esse vago murmurio, esse rumor sagrado,
Eu quedo-me a scismar num èxtasis de crente,
Como si eu estivesse a ouvir, confusamente,
A propria voz de Deos echoar na solidão,
Povoar a natureza e encher meu coração...

ARVORES TRISTES

Eu, nestes campos, longe do tumulto,
Amo essas tristes arvores que crescem
Por sobre as margens dum arroio occulto,
Ouvindo as aguas que cantando descem...

Gosto de vel-as á tardinha, envoltas
Numa suave e mystica tristeza,
Olhando os rolos das espumas soltas
Que encrespam o lençol da correnteza.

Tristonhas plantas! Arvores sombrias!
Como si as torturasse estranha magoa
E as compungissem fundas nostalgias,
— Procuram consolar-se á beira d'agua.

Oh! vós, que amaes os campos, nunca as vistes?
— Desconsoladas, tremulas, chorosas,
Pelas barrancas dos arroios tristes
Debruçam as ramagens silenciosas...

Que importa o sol, que importa a chuva e o vento,
Si sempre as mesmas ansias as consomem?
Talvez — quem sabe? — nesse desalento,
Palpite e soffra o coração dum homem!

Talvez nessas folhagens, nesses ramos,
Torturados de angustia e desconforto,
—Sem que a vejamos, sem que a comprehendamos,
Soluce a alma de algum poeta morto.

Ai, não turbeis a misteriosa magoa,
A immensa nostalgia em que se abysmam;
Deixae-as em silencio, á beira d'agua,
Essas tristonhas arvores que scismam...

ANGUSTIA HUMANA

A Alfredo Egydio de S. Aranha.

Era de vel-o, no alto, ao despontar do dia,
Vir lentamente, morro abaixo, enxada ás costas,
Molhando os largos pés no orvalho matinal:
—Com que altivez, com que emoção, com que alegria,
O Zé-Manuel, soltando o olhar pelas encostas,
Descortinava, ao longe, o tremulo arrozal!

Era um desvão de terra estreita, a cujo encalço
Elle, o tenaz, correu vinte annos de labuta,
Vinte annos duma vida arduamente bravia,
A desbravar sertões, a trabalhar descalço,
No eito, de sol a sol cavando a terra bruta,
Ganhando, estoicamente, o pão de cada dia.

Vinte annos de fadiga e provações tamanhas!
Mas hoje... (e o Zé-Manuel contemplava, sorrindo)
Eram delle essa varzea, esses brejaes ondeantes,
— Essa nesga de chão cercada de montanhas,
De cujas grimpas vinha, aos rolos, crespo e lindo,
O branco espumejar das aguas acachoantes.

E assim, nessas manhãs dum céo azul-zaphira,
Descendo o morro, á luz do sol radiosa e clara,
—Quantos castellos, quanto ideal, quanta ventura,
Turbilhonavam na alma ardente do caipira,
Ao divisar, lá em baixo, a candida seara,
E os verdes solamins dessa verde planura!

Começava a estação da chuva e da garôa...
Mas, naquelle anno, o ceo, de pedaço em pedaço,
Transbordava de luz, sorria encantador;
Jamais, naquella terra alagadiça e bôa,
O sol, dourando a varzea, errára pelo espaço,
Com tão vivo luzir, com tanto resplendor!

A aurora, toda rubra, erguia-se no Oriente,
Enchendo a terra, enchendo o valle, enchendo os montes,
Com a aurea faiscação duma luz dardejante;
E a luz de fogo; e o ar pesado e quente;
Seccavam-se os brejaes e exhauriam-se as fontes,
Aos raios dessa atroz canicula esbrazeante...

E o Zé-Manuel, de tarde, ao recolher-se á casa,
Trazia da lavoura a alma palpitante,
A' espera de chover quando rompesse o dia;
E quando, ansioso e afflicto, ao vir da aurora em braza,
O humilde camponez fitava o ceo distante,
O ceo — banhado em luz — todo resplandecia!

Ai! Era a secca... O sol, despejando cascatas
De fogo, haurindo seiva e requeimando a terra
Levando a fome e o luto ás gentes das aldeias,
Torrando os capinzaes, recalcinando as matas,
--Como um mouro pagão na carnagem da guerra
O sol semeava a morte e estragos ás mancheias

Pelo céo — nem siquer um cirrus erradio!
Uma nodoa siquer, uma espiral tremente
Vogando na amplidão, como uma vela exul...
Eram torrentes de ouro! Era um clarão de estio
— Todo o escampado céo ria-se largamente
Numa explosão de sol, numa orgia de azul!

Oh! aquelle cremor de irradiação funesta!
Aquella secca atroz que a chuva não estanca!
Aquella sede! aquelle horror! aquella magoa!
Tudo era luz e sol! Tudo era brilho e festa!
Mas no céo—tão azul!—nem uma nuvem branca
Mas do céo—tão azul!—nem uma gotta d'agua..

E o Zé-Manuel, sombrio, afflicto, quasi louco,
Sentia, ante o fulgor cruel da natureza,
A alma despedaçar, quebrar-se o coração;
Já não dormia; andava só; fallava pouco;
E no seu duro olhar, velado de tristeza,
Boiava um "não sei quê" de angustia e de afflicção!

Até que um dia, o bom caboclo, alma caipira,
Não poude suffocar seu desespero rude,
Não poude mais tragar todo o amargor da taça;
Nem teve, triste heroe, na magoa que o ferira,
A doce fortaleza, a angelica virtude,
De acceitar, sem revolta, o açoite da desgraça!

E preso duma angustia e duma dor estranha,
Todo um dia, atravez dos campos, delirante,
Elle andou a fallar, gesticular, correr;
Galgou, ao pôr do sol, uma aspera montanha,
Donde um profundo abysmo abria a fauce hiante;
E o Zé-Manuel parou... Era no entardecer.

Olhou o campo: olhou os montes e a seara;
Viu, com um soluço, a terra onde o arrozal cresto-
— Tudo queimado! Tudo em ruinas, morto...
E entanto
O céo, o vasto céo daquella tarde clara,
Azul, dum lindo azul, serenamente doce,
Desdobrava na altura a gloria do seu manto!

E sob aquelle céo tão placido e tão alto,
O humilde Zé-Manuel, num louco paroxismo,
— Tonto, cego, febril, despenha-se dum salto,
E cae, banhado em sangue, entre os desvãos do abi

Subia do horizonte a lua desmaiada;
E alem... sob o clarão mortiço do sol poente,
Ia um carro de bois pela deserta estrada
Ringindo roucamente...

INDICE

INDICE

NOTA DOS EDITORES

A primeira edição deste livro (3.000 exemplares) exgottou-se no espaço de um mez. Alem desse successo de livraria, um dos maiores alcançados no Brasil, a "Alma Caboela" foi recebida triumphalmente por toda a imprensa e homens de letras do paiz. Dessas criticas e impressões, transcrevemos nesta nova edição alguns topicos, tirados apenas de jornaes e revistas de São Paulo e Rio.

Appareceu, nas montras das livrarias, a "Alma Caboela", de Paulo Setubal. E' uma obra curiosa, interessante, originalissima entre as que estamos habituados a lêr todos os dias. Paulo Setubal fez, se não uma poesia nova, pelo menos uma poesia sua. Esta, a caracteristica principal do seu livro. E é extranho que elle nos surja, como surgio, depois da monomania parnasiana. O parnasianismo, mal macaqueado, mal comprehendido, vinha, para muita gente, estragando uma formosa geração de talentos. Paulo Setubal não se conta, de certo, entre os estragados. Do parnasianismo

recebeu, apenas, a disciplina da forma; no mais, não mostra tendencias para qualquer escola, apresentando-se sob uma feição inteiramente pessoal. Fixa-se elle, e com um invejavel successo, num genero a que se convencionou dar a denominação de poesia regional. Mas a verdade é que elle apenas é regional porque é brasileiro. Nisto muito se parece com Ezequiel Freire e com Ricardo Gonçalves. E Paulo Setubal, na sua poesia, é brasileiro como ninguem. A alma das nossas terras, a vida da nossa gente, na santa paz dos campos, na labuta rude da lavoura — tudo isso palpita na sua obra com um largo sopro de inspiração feliz. De resto, tem uma grande qualidade, que prepondera a todas as outras — a simpleza admiravel da sua linguagem, do seu estylo. O verso flue-lhe naturalmente; e as personagens dos seus poemas fallam por uma forma tão limpida, tão desataviada, que é um encanto vêr como o poeta consegue tão vivos effeitos com sua arte tão despretenciosa. *Alma Cabocla* é um livro, em summa, que ha de ficar, que tem de ficar — e ficar como uma grande gloria para o moço poeta, que indubitavelmente se estréa, como muitos outros ambicionariam encerrar a carreira das lettras.

Do *Jornal do Commercio*

Ora até que emfim apparece um livro de versos que resuscita a verdadeira poesia de todas as epocas e de todos os povos: a poesia que fala á alma e não ao ouvido.

Desta poesia é que precisamos porque a verdadeira poesia é esta. Fala á alma de todos, e não pede a ninguem iniciação nalguma alta escola de estetica indigesta.

Em versos assim reconhecemos logo as nossas coisas, as nossas aves, o perfume das nossas flôres, o ar da nossa gente.

Ninguem o conseguiu melhor do que Ricardo, e Ricardo resurge em Paulo Setubal. A *Alma Cabocla* vale um bom cento de livros de versos para iniciados. Nesse livro revemos todos, adultos ou crianças, marmanjões ou meninas, os quadros agrestes da nossa infancia, a roça, a gamma inteira dos Jecas e das Nha Carolas, a passarinhada miúda — não o sabiá só, já estragado por um abuso excessivo. Está claro que os esthetas torcerão o focinho a isto, não vendo em Setubal o ourives, o Cellini da forma torturada em requintes inquisitoriaes que elles exigem; mas essa torcidella de bico é a verdadeira consagração do livro. O povo anda farto de esthetas, de genios marinetticos, de torres de marfim, de *raffinés* baratos. E pede arte que se dirija mais á alma do que á orelha. Ora, Setubal é poeta á boa moda humana: correntio, facil, sem arrebique, sem tortura, sem a preoccupação exclusiva do

exotico, do raro, do cubico. *Noite de S. João*: quem lerá isso sem sentir-se commovido á evocação feliz de deliciosas sensações de menino?

Não está ahi o Brasil inteirinho, na parte castiça, tradicional, limpa de micagens francezas?

O livro inteiro é assim, fresco, sadio, orvalhado como as bôas manhãs de Abril.

E como tudo ali é nosso, nos themas, na psychologia, no ambiente, lemol-o com encanto, sentindo resoar nalma uma deliciosa musica interior. Esta musica reside dentro de nós, adormecida em profundo lethargo. Aos versos do poeta, porém, acorda e vibra em melodias caras ás nossas mais intimas saudades.

Ah! quem dera todos os poetas fossem assim! tivessem como este o segredo de despertar a nossa musica interior!

MONTEIRO LOBATO — *A Cigarra*

E' um grande, um forte livro, resoante de rimas e a transbordar de imagens sadias, o pequenino e despretencioso volume que Paulo Setubal acaba de lançar aos quatro ventos. O publico de S. Paulo conhece de longa data o moço poeta, em cua poesia resumbra um quente calor de mocidade e de idealismo, e se acostumou a ver, diariamente, nas paginas de todas as revistas, como esse espirito enamorado da belleza se deixou arrebatar pela graça e pelo sonho em contraste chocante com o materialismo de nossos dias. E' o caso de Paulo Setubal. E' o caso desse primoroso livrinho que tem o nome de *Alma Cabocla*, e cujos versos, simples e cantantes tão bem retratam a simplicidade camponea e as delicias da vida rural. E sob os olhos do leitor passam typos vivos, de uma realidade palpitante e indestructivel, como *Nha* Carola, que enchia a sacola do poeta de broinhas de fubá, *Nho João*, o tropeiro, a relembrar, com olhos rasos de agua, as canseiras da viagem, e o somno reparador junto á lareira, sob a barraca improvisada; e os *colonos*, italianos e hespanhoes, a encher os carreadores com a alegria forte de moços que cantam, scismando na patria distante! Mas a parte, porventura, mais finamente lavrada do livro, é o idyllio com uma normalista, que encheu de escandalo e rumor beato as pacatas tradições de uma aldeia longinqua. Sim. Indubitavelmente a *Alma Cabocla* ha de ficar na poesia brasileira, como um traço vivo de nossos sentimentos, uma pintura real e sentida de nossas cousas.

SPENCER VAMPRÉ — *Jornal do Commercio*

Não é assim, graças a Deus, o poeta Paulo Setubal, que acaba de entregar ao publico o seu lindo livro *Alma Cabocla.*

Ahi, a poesia é fundamente nacional, deliciosamente nossa, maravilhosamente emotiva.

Paulo Setubal fez obra de arte, obra de regionalismo patriotico e de protesto contra o *roble* do extrangeirismo que 'nos esmaga.

Alma Cabocla vem, nesta atmosphera desbrasileirada, oppôr-se á onda das importações inadequadas ao nosso espirito typico de singelleza e modestia, de sinceridade e pureza. Todos os povos devem ser o que são, e a formula ethnica de conservar a sua personalidade é aferrar-se ao que é seu, fundamentalmente seu, para que os surtos de desenvolvimento e progresso não desabrochem ao influxo de elementos que, pela sua hecterogenidade, lhes desvirtuam a feição e a estirpe.

No poesia de Paulo Setubal, bella e simples, espelha-se o sentimento alto pelas cousas nacionaes. E não vem inopportuno esse protesto rimado do brilhantissimo poeta, porque, exactamente agora que uma rajada de soerguimento nacionalistico perpassa pelo paiz inteiro, o seu livro é um contingente precioso, uma collaboração de arte para se consolidar o monumento das aspirações de civismo que collimam a grandeza da patria e a gloria da nossa raça.

LELLIS VIEIRA — *Correio Paulistano*

Alma Cabocla é um livro que toda a gente lê com agrado e sente com enthusiasmo, porque é profundamente sincero.

Sob uma forma simplissima — dessa simplicidade que só os sacerdotes da Arte são capazes de realizar — Paulo Setubal se nos revela um poeta altamente suggestivo.

As suas fortes impressões visuaes, e são as que predominam neste livro, consagram-n'o como um fino e subtil colorista, ora nos fortes alexandrinos da *Queimada* e do *Zé Manoel*, ora nos septissyllabos artisticamente cadenciados, a que a polyphonia das vogaes e as rimas sempre justas e perfeitas emprestam um poder de descripção, tão singello e tão preciso, como raras vezes temos lido na poesia nacional.

E se é simples, é tambem artista: tem essas duas qualidade que raro se encontram unidas.

PLINIO BARROSO — *A Miscellanea*

Leve, sentimental, encantador, Paulo Setubal, sem os exaggeros dos symbolistas ou o requinte dos parnaseanos, é um poeta expontaneo, facil, harmonioso, que empolga, que enternece e que allia á virtude de ser um cantor regionalista as virtudes de quem verdadeiramente escreve com sentimento e alma. — Z.

D'*A Gazeta*

◈

De certo modo, *Alma Cabocla* é de facto uma estréa, porque retrata uma feição particular da musa do A. que nós não conheciamos e que mesmo não suspeitavamos existisse entre as modalidades de seu éstro.

Sim, porque a musa de Paulo Setubal não é bucolica nem campesina. E' musa citadina por excellencia, affeita á vida elegante dos grandes centros, que se adaptou maravilhosamente a um meio em que o vestir, o andar, o proprio gesto são problemas de arte; musa que ama cantar as sedas e os velludos, catita e brejeira, com uns laivos de pieguice estudadamente ingenua e umas pontas breves — oh, mui breves! — de ironia; musa que adora o convivio das damas e sabe dizer-lhes as doces e subtis palavras da ambrosia terrena. Sobra-lhe para isso uma capacidade de observação que o torna adoravel no seu genero.

Tem de Stecchetti o tom despretencioso e a nota emotiva, e aquella habilidade de malabarisar com as phrases que lhes dão um ar de simplicidade encantadora.

Da feição nova em que se apresenta, parece resaltar que a alma cabocla, que o nascimento dèra ao poeta, encolheu-se á acção do meio e principalmente da cultura adquirida. Só ficaram bem nitidas as imagens que a civilisação não conseguiu delir-lhe da memoria e que se exteriorisam, apenas, em bocados impressionistas, dando corpo ás evocações mais fortes e mais vivas da meninice do A. Aqui está uma amostra:

"Um cheiro de mangerona,
Lá fóra, embalsama o ar;
E emquanto tudo resona,
Uma tardia sanfona
Passa na estrada, a chorar..."

SUD MENNUCCI — *Estado de S. Paulo*

◈

Estamos, graças a Deus, assistindo a uma renascença literaria. Restituimo-nos a nós mesmos. Andavamos por ahi despaizados, como caixeiros de um grande emporio importador. Esquecidos das bellezas da terra, indifferentes a themas tão nossos e tão dignos

de uma carinhosa admiração, até em poesia recorriamos a assumptos de importação, porque era *chic*.

Dentro desta *Alma Cabocla* como que se sente tudo o que é nosso: o cheiro das nossas mattas, o colorido variegado e bizarro das nossas flôres, a poetica languidez das moças da terra, ainda não deformadas pela macaqueação exagerada das modas estrangeiras, a turqueza sem egual do nosso ceu e toda a poesia do patrio chão.

A poesia da *Alma Cabocla* prima principalmente pela simplicidade da fórma, pela sonoridade da rima, pela cadencia harmoniosa do verso, sem deixar de denunciar no poeta a individualidade completa de um artista, de sentimento delicadissimo, ao mesmo tempo que nos mostra um colorista desaffectado e consciencioso das coisas que sente e canta.

D'*A Plateia*

Alma Cabocla, como motivo emocional, é assim um gemido de violão acompanhando um descante. Livro suggestivo, livro consolador, livro bom, canta, num lyrismo suave e meigo, a poesia da raça brasileira, a pujança da terra, a bondade da gente, a gloria do sertão.

Numa linguagem escorreita e fluente, sem arrebiques de artificio, antes com a simplicidade de uma arte requintada, pinta paisagens e costumes com aquella firmeza de tintas e suavidade de sons com que Guerra Junqueiro immortalisou *Os Simples*.

Este livro, é por isso, uma das mais explendidas revelações de arte na literatura brasileira e seu autor, moço ainda, já é uma gloria da geração moderna.

EURICO SODRE' — *Diario Popular*

A exemplo de alguns outros, o Sr. Paulo Setubal, que é um verdadeiro poeta pela frescura do sentimento, pela espontaneidade do engenho lirico, pela abundancia da emoção, acreditou nas execellencias desse engôdo.

Não quero diminuir, com isso, o interesse de sua poesia nem as bellezas reaes que ella nos mostra. Vejamos, ao acaso, alguma estrophes de *Nha Caróla*.

Servindo-se desse verso facil e musical, vai o poeta descrevendo as doçuras da vida nas fazendas, entre o encanto das aguas crespas dos arroios e das fontes, o cheiro da terra virgem e a ingenuidade da gente sertaneja.

E' verdade que o autor da *Alma Cabocla* tem muito mais medida e bom gosto que os seus progonos, e sabe observar os nossos costumes com mais chiste e leveza, como em *S. João, Chiquita* e outras composições do seu volume de versos.

RONALD DE CARVALHO — *A Folha*, Rio

◈

O sr. Setubal inaugura, em S. Paulo, uma esthetica nova, profundamente nossa; as tentativas anteriores foram mais apagadas e falhas. Não tinham a força, a vivacidade e a fragrancia do estro do sr. Paulo Setubal. Como ninguem, fixou elle a poesia da fazenda, essa irradiante alegria de sol, de amor, de trabalho, que se desprende da nossa viva rural.

Como ninguem, romantizou o idyllio campesino, ingenuo e delicioso, entre os cafesaes verdes, á borda dos milharaes amarellos como enormes toalhas brosladas de ouro. Com rara audacia e delicadeza, recortou as aguas-fortes dos typos ruraes, collegidas nas estrophes expontaneas e sadias de *A Gente*.

Toda a *Minha Terra*, parte vestibular da *Alma Cabocla*, traduz a poesia ingenua e bella da fazenda paulista, que, finalmente, encontrou o seu suave cantor.

MENOTTI DEL PICCHIA — *Tribuna*, de Santos

◈

O sr. Paulo Setubal se abebèra convictamente ao manancial da natureza, simples e sã.

Chamou, por isso, á alma dos seus versos — *Alma Cabocla*. Vêm dahi os criticos (já agora prestigiados *in partibus* por um espirito deanteiro como M. Lobato) e entreveem no espontaneo livrinho um evangelho novo de Nativismo e Poesia Authenticada pelas nove musas.

Nese particular não acompanho o "terço" ao miraculoso ironista dos *Urupês* e das *Cidades mortas*, creador da prosa nova brasileira, artista e pensador dos que mais me seduzem.

Em arte, fica sempre bem a "naturalidade". O "nativismo", nem sempre...

Valha-nos, é claro, o nativismo de Paulo Setubal, que o torna um poeta natural e verdadeiro. Elle canta "naturalmente".

Esse *naturalmente* não quer dizer — *d'après nature*. Significa, antes — de accôrdo com as tendencias naturaes do temperamento do poeta.

Mas não é nessa parte, aliás habilmente tecida de pequenos chromos e photographias psychicas da vida rural brasileira, é depois da *alma cabocla*, é na *alma commovida* da *Moita de Rosas*.

que desapparece o bom humor do violeiro, a musa jocosa e superficial do cantor ambulante, para se revelar a verdadeira alma do poeta que positivamente não é cabocla...

Tanto o não é, que, ainda mesmo dentro dos scenarios silvestres e exprimindo-se com elementos verbaes simples e correntios, o sr. Paulo Setubal fixa nos seus versos verdadeiros estados aristocraticos de sensividade. Nem cabocla é a sua graça petulante de tomar os assumptos e explanal-os com a *nonchalance* "escolada" de quem calça alpercatas de *cowboy*, depois de ter usado escarpins de *clubman*.

Mas o que importa ao caso é que o sr. Paulo Setubal é bem um poeta.

O seu livro é uma taça de crystal finissimo cheia d'agua do córrego. O crystal é puro e a agua é potavel.

HERMES FONTES — *Correio Paulistano*

◈

Ha no seu livro, que julgo uma estréa, uma frescura de emoção, uma naturalidade de expressão, uma expontaneidade de imagens que lhe communicam um incomparavel encanto.

E' uma arte de absoluta approximação da natureza, uma arte vivida, em que a intelligencia e a fantazia mal alteram o verdor da sensação. O amor e a terra — são os dados essenciaes dessa poesia de uma claridade seductora, de uma verdade crystallina, o amor como affeição, a terra como paizagem.

Ha nesses versos uma transparencia de estylo que deixa ler no coração do poeta, sem que nunca essa emoção directa e recente se converta em motivo de desordem literaria. Vimos, pelo contrario, o seguro instincto poetico do autor encaminhar a sua emoção para um verso claro e musical, de uma cadencia embaladora, de uma naturalidade perfeita, que realiza a verdadeira expontaneidade literaria, ordenada e commovida.

TRISTÃO DE ATHAYDE — *O Jornal*, Rio

◈

O sr. Paulo Setubal, não tem a preoccupação da rima custosa, da syntaxi difficil, do vocabulario raro, não tem a mania de obter, por meio de elisões asperas, effeitos de "amplitude" no verso, não busca difficuldades a vencer, não procura envolver o pensamento em obscuridade, para o fim, que quasi sempre falha, de criar suggestões. A sua poesia é simples, de uma simplicidade que não degenera em mesquinheza, porque tem, a dar-lhe relevo, os adornos necessarios.

Elle tira effeitos surprehendentes da sua simplicidade.

Alma Cabocla é um livro excellente, que se lê de um folego e com immenso prazer.

Não é um livro como os que vulgarmente se vêm e que são sempre afinados pelo mesmo diapasão. E' um livro á parte em nossas letras.

Revista Feminina

Accanto all'armonia ritmica dei suo verso scorrevole brilla la potenzialitá di un *folklore* superbo, rarissimo nei poeti brasiliani.

Quest'*Alma Cabocla* abbonda di pagine belle.

Aqui um forte italiano
Queimado ao sol do equador,
Solta aos ventos, bello e ufano,
Num timbre napolitano,
A sua voz de tenor!

Ha uma terna singeleza
Nas trovas que um outro diz:
Um rapagão de Veneza
Tem, no seu canto, a tristeza
Das aguas do seu paiz.

Raccoglie in pochi versi la nostalgia che punge il cuore del nostro bruno emigrato meridionale e del nostro roseo contadino veneto. Del meridionale, che egli chiama "napoletano" che scioglie ai liberi venti della "fazenda" le strofe delle sue *Celentane*, *Calabriselle*, *Pacchiane*, *Tarantelle*, ecc., e del veneto che canta tormentato dalla *saudade*, le melanconiche canzoni della sua placida laguna...

Ma le canzoni di Paulo Setubal sono tutte belle, suggestive, armoniose. Egli é un poeta fine, squisito, destinato ai migliori successi.

Do *Fanfulla*

Aqui temos um excellente livro de versos.

E' a descripção, ao vivo, da nossa vida rural, descripção encantadora para aquelles que fatigados com as paginas macaqueadoras dos nossos pensadores de algibeira e com as obras de arte dos nossos esthetas gaulezes, sentem a necessidade de alguma cousa mais sincera que lhes refrigere a alma transparente num momento de sêde e mormaço estival.

Essa a grata impressão que nos deixou a obra poetica de Paulo Setubal — um poeta de verdade, que retrata as cousas como ellas são, que reproduz a gamma emotiva dos sentimentos com simplicidade e requintes de artista.

Do *Correio Paulistano*

◈

Na prosa, appareceu o Monteiro Lobato, com os seos famosos *Urupês*, trazendo pela gola o Jeca Tatú, escalando, num salto, a celebridade.

Agora, surge um outro reaccionario. E' Paulo Setubal, cantando nossa terra, nossa gente, nossos assumptos, em versos simples e bellos, nascidos da imaginação, crystalinamente, como o fio d'agua nasce do monte.

De seu estylo póde-se dizer o que disse Lamartine de Alexandre Sommet: — é o estylo do coração, é a photographia da alma. E noutro passo: — "Esta poesia que anda a pé, que se não veste á antiga, que não põe carmim nem alvaiade na cara, que não traz mascaras tragicas nem comicas, mas que tem no rosto a expressão verdadeira dos seus sentimentos.

Si o assumpto e o rythmo encantam o leitor da *Alma Cabocla*, a correcção ortographica e syntatica satisfazem perfeitamente a exigencia critica. Raramente se vê hoje um livro escripto em linguagem de gente. Livros e livros vivem as livrarias a despejar por ahi afóra, porém quasi todos em máo português. Este, porém, discrepa da generalidade. E' bem escripto.

Eis ahi a amostra do livro.

E' a revelação de um verdadeiro poeta.

Assis Cintra — *Correio da Manhã*, Rio

◈

Meu caro Poeta:

Acabo a leitura do seu livro, entre encantado e comovido... Nesse pequeno volume ha mais poesia, que numa dezena de volumes enfaticos, de tantos dos nossos versos brasileiros, feitos a poder de vocabulario e rimas extravagantes. Que belo! Não ha ai um soneto!... Não quiz V. deformar a sua inspiração nesse sapato chinês, que tem feito tantos monstros dos pés "metricos" de nossos poetas. Ainda bem! Deixou-a livre, em ritmos simples e perfeitos, andar erradia por nossa terra, entre moitas de rosas, sobre flocos de espuma, no encanto virgem do nosso sertão, cuja intensa poesia V. traduz, verdadeira e sentida. Creia que, ao volver a ultima pagina, disse comigo, embevecido: achei um poeta, um belo Poeta! Seu admirador grato.

Afranio Peixoto

MAY 1 1 1972

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9697
S46A6
1920

Setubal, Paulo
Alma cabocla

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 01 06 04 001 0